

VIDA UNIVERSITÁRIA NA ÉPOCA DA FUNDAÇÃO DE "A TARDE"

O ano era de 1912. A Faculdade de Medicina, ali no Terreiro de Jesus. A única que não mudou de casa. Mas os tempos mudaram... A vida acadêmica não tinha a turbulência nem as irreverências de hoje. Começava pela cautela jurídica de não terem os estudantes direito a voto no que tange a política estadual ou federal. A política partidária não

antiga tipografia Borges dos Reis, localizada na rua Manoel Vitorino, tomou conhecimento, embora a distância, de um rapaz que habitualmente trajava fraque e era o embrião de ser o grande batalhador e idealista, intrépido e desassombrado fundador deste vespertino: dr. Ernesto Simões Filho. Muitas e muitas o viu acompanhado de

Campos Gordilho, Gregório Ceili de Freitas, Laudelino de Araújo Sá, Fernando Didier e Eduardo Lins Ferreira de Araújo, nosso entrevistado. Ele que fez questão de declarar que, pessoalmente, há muito tempo subscreveu o "slogan": "não há tarde sem A Tarde", por força de um hábito e de uma satisfação. E finalizou: "Hoje, como poucos, posso testemunhar pela o documentário que revive todo um passado de grandes e inolvidáveis lutas, a vitoriosa jornada de "A Tarde", lamentando não conte ela, neste seu jubileu de ouro, com a pena de Simões Filho, seu lustre e dinâmico fundador, aquele que completava com a própria vida a vida da criação que tanto amara".

X X X

Também nos idos de 1912, diplomou-se uma turma de dentistas, pela escola que funcionava anexa à Faculdade de Medicina. Entre os odontólogos, estava o jovem Deocléciano Antônio Coelho dos Santos, que já era funcionário dos Correios, então administrado na Bahia pelo fundador de "A Tarde".

Acertou o serviço público para custear os estudos, cursando já a última série. Na época, o curso era feito em dois anos, mas o ensino era vigoroso e os estudantes não se envolviam com manifestações políticas, embora não se desinteressassem pela solução dos problemas do país. O nosso dentista reconhece, entretanto, que os tempos são outros, os costumes evoluíram e o processo político-social do Brasil não pode prescindir da colaboração direta de todas as classes, especialmente da estudantil e da sua participação na vida nacional.

Se por um lado o curso de Odontologia evoluiu bastante, com a introdução de novas cadeiras, entre elas a de radiologia dentária, além da ampliação do curso para quatro anos, outrora valia mais a pena ser dentista, porque se podia viver exclusivamente da profissão que assegurava uma estabilidade financeira para quem a praticasse. O material de procedência alemã era, sem comparação, muito superior ao utilizado hoje, que nos mandam os americanos. É patente que um dentista da atualidade ganha muito mais do que seus colegas diplomados há cinquenta anos atrás mas tem que recorrer a um emprego público, em virtude do grande número de entidades assistenciais que asseguram ao povo, serviços gratuitos. Quem nos diz essas coisas, exerceu a clínica odontológica particular, de 1914 até 49, ou seja, durante 35 anos.

Da fundação de "A TARDE" pouco se recorda. Lembra-se todavia que o aparecimento do jornal de Simões Filho foi muito bem recebido pela população da cidade, constituindo-se num dos fatos marcantes da época. As edições deste vespertino eram lidas por toda parte. Ávida de boas notícias, não só pela autenticidade como pela maneira com que eram escritas. As crônicas de Henrique Cancio, apreciabilíssimas, tinham o seu público certo. Já naquela época da fundação de "A Tarde", era comum as pessoas carregarem a tardinha junto com um embrulho que bem poderia ser o do pão, o exemplar deste vespertino.

Em consequência de uma deficiência na visão o nosso entrevistado lê pouco mas não passa sem "A Tarde", o único jornal que compra diariamente, há quase cinquenta anos. Quando colou grau em 1912, o farmacêutico Jorge Cavalcanti Ribeiro Pessoa Filho foi para láheus exercer a profissão numa farmácia local, só retornando a Salvador dois anos depois, quando se estabeleceu com a sua própria farmácia — "Farmácia dos Pobres" na rua do Campo Santo. Conta que mesmo em Ilhéus, naquela época de transportes difíceis, chegaram os primeiros números do novo jornal, porque o seu fundador fez questão de criar um

órgão informativo e noticioso para todo o Estado. Mas como os outros que o antecederam nesta reportagem, também ele afirma que naquela ocasião os costumes eram diferentes, que os estudantes se dedicavam mais aos estudos, que a vida era mais fácil e que o progresso veio para o bem geral.

O curso de farmacologia, compreendia dois anos e como os laboratórios eram poucos, os farmacêuticos ficavam restritos à farmácia comercial. Hoje, o curso adquiriu caráter mais científico e forma verdadeiros químicos que prestam inestimáveis serviços à indústria. A própria Faculdade de Farmácia, desmembrada da de Medicina e transplantada para um prédio mais simples, brevemente estará funcionando num majestoso edifício, no Parque Universitário do Canela, como a representar o progresso dos seus ensinamentos.

A Escola Politécnica já funcionava em São Pedro no ano de 1912. O ensino era deficientíssimo quase exclusivamente teórico, mas isso era comum em todas as escolas superiores de então. Os professores ensinavam quase de graça, ganhando de 50 a cem mil réis por mês. Não podiam se dedicar convenientemente às atividades didáticas, nem tinham assistentes para auxiliá-los. Não há comparação possível entre a escola de 1912 e a de hoje, mesmo sem levar em conta a recentíssima instalação da Faculdade de Engenharia no bairro da Federação. Sob todos os pontos de vista, o progresso foi enorme. Já em 1915, com o auxílio do governador Seabra, a sede da escola foi ampliada mediante a aquisição de um prédio contíguo, que passou a formar um conjunto de propriedade da Fundação, entidade jurídica distinta da Escola e detentora de um patrimônio inalienável, cujo rendimento somente em benefício desta pode ser utilizado. Assinala-se em 1921, a criação do curso de Química Industrial e, dois anos depois, sendo interventor federal, o prof. Leopoldo Amaral melhorou a situação da Escola com a dotação de 3 mil contos em apólices estaduais.

Relatando esses fatos, o prof. Paulo de Mattos Pedreira de Cerqueira, que com mais seis colegas recebeu o título de en-



O Prof. Couto Maia

genheiro civil em 1912, revelou que apesar de ter conhecido o dr. Simões Filho de quem foi admirador, pouco se recorda da fundação de "A Tarde", pois em outubro daquele ano estava trabalhando fora da cidade trabalhando para a cidade de...

(Conclui na página dezessete)



A antiga Escola Politécnica

interessava diretamente e os políticos profissionais não tinham campo nem jeito de explorar a mocidade, naquele tempo irrequieta como hoje. Simples observadores afastados das lutas e malquerenças oriundas do partidarismo, os estudantes estavam mais atentos aos seus deveres escolares e não se preocupavam com as greves. Naquele tempo em que o chapéu fazia parte obrigatória da indumentária, quando um professor muito ranzinza não permitia que seus alunos cruzassem a perna durante as aulas, todos se descobriam e se levantavam, como prova de educação e de respeito, quando passava um mestre. Nenhuma aluno, por mais pobre, comparecia sem paletó e sem gravata às aulas.

Não havia naquele tempo restaurante nem Casa do Universitário. Os acadêmicos, muitos de outros Estados e do Interior, agrupavam-se, formando as célebres "Repúblicas" onde viviam às custas de pequenas mesadas. Estas, gastas metodicamente, davam para o estudante passar, mas aqueles menos cautelosos e mais estroinias, esgotavam-nas prematuramente, acabando o mês a fazer refeições nas casas dos correspondentes e amigos, ora comendo na "Mamãe Boté" ou na praça do acarajé que tinha o certo num dos degraus da Catedral. Outros talvez passassem até fome.

As bolsas de estudos não existiam. Entretanto a Beneficência Acadêmica, dirigida exclusivamente por estudantes e mantida pelos alunos menos necessitados, sem contar com qualquer ajuda de verbas oficiais, fornecia dinheiro e livros aos estudantes menos privilegiados. Muitos médicos se formaram utilizando os favores da Beneficência Acadêmica.

Havia muita brincadeira. A mocidade se divertia e alegrava o povo com suas festas. As passeatas da primavera eram famosas e os desfiles não apresentavam cartazes. De uma festa a comemoração da estação das flores constou da representação da famosa opereta "Viúva Alegre", sendo o elenco constituído exclusivamente de acadêmicos.

Assim nos contou o dr. Eduardo Lins Ferreira de Araújo, médico diplomado em 1912 pela nossa Faculdade de Medicina, como eram as coisas naquele tempo. Revelou outras coisas também. Por exemplo, como conheceu o fundador de "A Tarde". Acompanhando um colega e amigo que fazia imprimir a sua tese de concurso na

Henrique Cancio que, com o pseudônimo de Maria Lúcia, era o cronista fino e delicado daquela época.

Coincidiu assim o começo da vida profissional de nosso entrevistado com o nascimento de "A Tarde", este vespertino que marcaria época em nossa Província, estenderia seu prestigio e renome pelo Brasil fora e que iria se constituir numa trincheira de onde o dr. Simões Filho haveria, com a sua equipe, de dar o bom combate contra os desmandos que repontavam aqui e ali. "A Tarde" introduzia novos métodos no jornalismo bahiano, reconhecia cada dia e ao cabo de alguns anos polarizaria a opinião pública da Bahia.

Mas falemos também alguma coisa do nosso entrevistado, ele que, lado a lado com este vespertino, realizou uma obra digna, ensinando aos mais jovens o que aprendera na Faculdade e curando os enfermos, desde que aliou a profissão de médico aquela de professor. Egresso da Faculdade de Medicina onde se diplomou sob a paraníria do prof. Eduardo Freire de Carvalho Filho, a ela retornou tempos depois, para servi-la com o trabalho e com o exemplo, para só se afastar quando a compulsória o atingiu. Começou as suas atividades docentes como assistente de Anatomia sob a direção do prof. Eduardo Diniz — o Biriba, como o chamavam. Posteriormente, tornou-se docente livre de Microbiologia e após um curso nos Estados Unidos, como bolsista da Fundação Rockefeller, exerceu a diretoria do ex-Instituto Oswaldo Cruz, hoje Instituto de Saúde Pública. Em 1930 deveria prestar concurso para a cátedra de Medicina Tropical, mas as inscrições foram anuladas pelos chefes revolucionários da época. Restaram apenas as teses que foram impressas sobre "Mycetoma Pedis no Brasil" e "Etiologia da Beriberi". Somente em 1933 prestou o concurso, ficando como terceiro titular da disciplina, cabendo as primeiras colocações aos drs. Augusto César Viana e Augusto de Couto Maia. Juntamente com o dr. César de Araújo, foi o introdutor da vacina BCG na Bahia, vencendo uma série de resistências. Foi também diretor da Faculdade de Medicina e, como representante da Congregação fez parte integrante do Conselho Universitário.

Dos setenta e dois médicos diplomados em 1912, pelas informações que obtivemos, apenas seis sobrevivem: Eduardo Proes da Mota, Armando de

Vida universitária na época da fundação de "A Tarde"

(Conclusão da página dezessete)

sem solenidade, nos começos do ano seguinte, rumando logo para o Rio Grande do Norte, como engenheiro do IV Distrito da Inspeção de Estradas de Ferro. E é ele mesmo quem conta: "Em 12, concluí o curso de engenharia civil mas só mais tarde recebi o grau. Por isso, não sei quem foi o paraninfo da turma e preciso, aliás, distinguir entre turma de formatura e turma de curso. Com o surto que tomou naquela época a construção das estradas de ferro, não faltava colocação para os engenheiros geógrafos, de modo que a turma se dispersou e cada qual veio mais tarde, quando possível, terminar o curso de engenharia civil, enchendo, vamos dizer assim, de "adventícios" as turmas de formatura.

O professor Paulo Pedreira foi diretor da Escola Politécnica, onde ocupava a cadeira de Física. Foi professor e fundador da Faculdade de Filosofia; ensinou, também, na Faculdade de Ciências Econômicas, da qual foi diretor.

"In Memoriam" — Entre os 26 bacharéis diplomados em 1912, pela Faculdade de Direito da Bahia, estava o dr. Gon-

çalo Porto de Souza, recentemente falecido, cujo óbito ocorreu, justamente quando escrevia para este jornal, e para esta reportagem, suas impressões da época. Dias antes, em uma residência conversando com este reporter, que lhe foi solicitado a entrevista, dissera que de pronto não poderia fornecer os dados necessários, porque precisava consultar as fontes. Realmente, dar um pulo quarenta anos atrás, reportar-se aos fatos ocorridos há tanto tempo, não é uma simples tarefa. E o dr. Gonçalo Porto pediu uns dias para pensar. Comparecemos ao novo encontro marcado, no seu escritório de trabalho, no edifício do Banco de Londres, do qual era advogado. No dia imediato, nos entregaria as anotações para a reportagem... Mas a morte o levou inesperadamente. E eis apenas o que anotamos quando do rápido encontro que tivemos: a primeira pessoa que o dr. Simões Filho viu lendo a primeira edição de "A Tarde", foi o sr. Raul Figueiredo de Lima, diretor da Companhia Empório Industrial do Norte. O encontro teve lugar na rua Chile, e o sr. Raul estava aborrecido porque a tinta da "gazeta" sujara-lhe o punho da camisa.